



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ENTRE O MUNDO VIVIDO E O MUNDO PENSADO: A FENOMENOLOGIA, MOVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Aguinaldo Cesar Surdi
Danieli Alves Pereira Marques
Antonio Camilo Cunha
Elenor Kunz

RESUMO

Visamos mostrar dois modos de ver o movimento humano e o corpo: o mundo da exterioridade materializado na ciência - representante do mundo pensado; e o mundo da interioridade materializado na experiência - representante do mundo vivido. Far-se-á neste escrito o elogio às dinâmicas fenomenológicas do mundo vivido, seus caminhos e possibilidades significativas

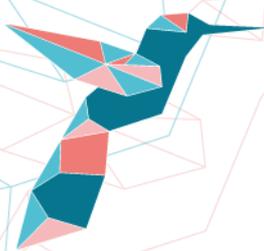
PALAVRAS-CHAVE: movimento humano; fenomenologia; educação.

INTRODUÇÃO

A passagem do mito à razão (na cultura ocidental) foi um marco determinante para um outro entendimento da realidade. Com a razão deu-se início a uma nova forma de entender o mundo. A razão contribuiu para a elevação do mensurável, da quantificação, das leis, da generalização, do entendimento da causa-efeito, da previsão, da técnica, da tecnologia e da ciência.

Esta realidade (razão científica) foi assim, paulatinamente tomando conta do reino do conhecimento. Desde o helenismo tendo como grande representante Aristóteles (pai da ciência - defensor da observação e da experimentação), foi depois expandida com o renascimento - Descartes, Bacon, Galileu, Copérnico, estruturando-se a valorização da consciência, da atividade crítica e criativa, da experiência objetiva como fonte de conhecimento. Este fato veio fazer uma ruptura com o pensamento medieval de cariz teocêntrico, sustentado pelos dogmas e pelas verdades de Deus que até então se revestia (também) como uma sábia estratégia de organização social. Mais à frente outras manifestações se seguiram como por exemplo a Revolução Industrial, o iluminismo, a Revolução Francesa (igualdade, liberdade, fraternidade) que vieram propor a elevação de um novo homem.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A razão (ciência) surge assim como paradigma do conhecimento que prometia maior felicidade para o indivíduo e para a comunidade (polis), tomando como referência o sentido interpretativo e de aconselhamento - interpretar a história, as singularidades, as circunstâncias - dando soluções para o bem-estar individual e social. No entanto, este ideário (da ciência) e contrariamente ao que fora prometido, ela chamou a si a presunção de julgamento e instrumentalização, transformando-se numa ideologia a serviço da política, da economia, da técnica. Este fato tem contribuído para um aumento das desigualdades sociais, econômicas e da exploração do homem.

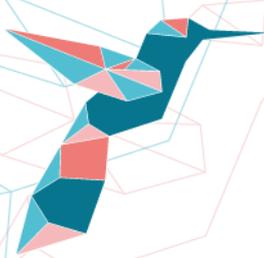
Baseado nas considerações feitas, este ensaio tem como objetivo mostrar dois modos de ver o movimento humano e o corpo: o mundo da exterioridade materializado na ciência, na objetividade, na quantificação - representantes do mundo pensado; e o mundo da interioridade materializado/espiritualizado no ser (ontologia), na subjetividade, na experiência, na sensibilidade - representantes do mundo vivido. Far-se-á neste escrito o elogio às dinâmicas fenomenológicas do mundo vivido, seus caminhos estruturantes e possibilidades significativas.

DA FENOMENOLOGIA À RAZÃO

A razão e a objetividade permanecendo no centro da busca pelo conhecimento, consagram a ciência como verdade única, o que parece conturbar as formas de conhecer e o bem da polis. É neste contexto que emergem alguns pensadores como Nietzsche (1977) que vem criticar a forma rígida e sumária proposta pelos racionalistas – leis, lógica, número, mensurável, generalizável. O autor vem ao contrário dos positivistas fazer o elogio fenomenológico, ou seja, ao ser ontológico, a cada um, à experiência do homem, aos impulsos, às emoções, às vontades, às paixões que acabam por ser as fontes genuínas do conhecimento e da ação.

Dando continuidade a estas constatações, podemos dizer que na nossa realidade existem dois mundos distintos:

a) O mundo descrito pela ciência, pela matemática e pela técnica que entendem a realidade como verdades objetivas - verdades científicas que, em oposição à especulação, incluem a explicabilidade, a mensurabilidade, a validade, entre outras.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

b) O mundo vivido entendido como ser-no-mundo agrega as possibilidades da experiência, da sensibilidade, da subjetividade e da percepção que, unidas estão condicionadas a verdades inacabadas. O mundo vivido é o primeiro, é contemplativo, fenomenológico, ele surge antes da ciência, no entanto foi aprisionado por esta. A ciência moderna surgiu para simplificar a realidade através da descrição exata e da diferenciação de coisas que percebemos no mundo. A ciência com a pretensão do método, nos mostra possibilidades sistematizadas de pensamento e ação, mas o mundo vivido dá-nos mais que possibilidades sistematizadas: dá-nos nós mesmos, na experiência do agir e do pensar. Que a técnica e a ciência existam sim, mas que não nos retirem da experiência de nós mesmos! Como ressaltou Merleau-Ponty (1999) é em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido.

A fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira, como estilo (MERLEAU-PONTY, 1999) por meio do qual os sujeitos se descobrem como seres no mundo e de uma comunidade de sujeitos abertos aos demais e, envoltos nas dimensões históricas e culturais. O entendimento do mundo e das pessoas é valorizado pelas experiências subjetivas, pré-teóricas, pré-reflexiva, que depois darão razão e ciência. A ciência, apenas consegue tratar os fenômenos e indivíduos como algo objetivo, mas parece esquecer a origem - que é fenomenológica e subjetiva. A ciência ignora a grandeza da subjetividade, dos *eus* individuais, da cultura. Só acredita no mensurável, na regra, na generalização. Existe um primeiro mundo - mundo da vida - como o primeiro viver; e depois o mundo da ciência como o segundo viver. No entanto a ciência faz-nos crer que as coisas idealizadas são melhores que as coisas percebidas por nós de forma direta e sentida. No entanto, como complementa Merleau-Ponty (1999, p.3), “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. Os objetos, acontecimentos e fatos que geometrizamos, foram alguma vez percebidos e sentidos no mundo (SOKOLOWSKI, 2004).

Essas coisas idealizadas (objetos, acontecimentos, fatos) como se tornam “perfeitos” à luz da razão, por meio da quantificação e da mensuração, tendem a ser iguais em todos os lugares em que se encontram - não possibilitando considerações pelas diferenças. Desta forma, entram em contraste com inúmeras variações que existem nas nossas percepções da realidade – com a realidade total e radical.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Neste envolvimento a fenomenologia vai reivindicar que as ciências matemáticas, o número, a fórmula não podem afirmar (só por elas) a própria existência. A fenomenologia estuda as coisas como elas são - tem a sua própria precisão.

No caso, que anima esta reflexão - o corpo/corporeidade/movimento humano - eles têm sido predominantemente analisados do ponto de vista matemático, científico, biológico, mecânico, mas a fenomenologia diz que o corpo e o movimento extrapolam essas dimensões. O corpo (corporeidade) e o movimento são intencionais e relacionais, não esquecem o social, o cultural, o histórico; naquilo em que o objetivo, subjetivo, intersubjetivo, sensível, congregam. A fenomenologia, pretende-nos assim, mostrar um mundo diferente ao já visto/racionalizado, centrando-se nas diferentes interpretações que podemos ter na relação ser-no-mundo, momentos em que há espaço para diferentes modos de ver, sentir, preceber, expressar, diz respeito a experiência, que se abre para a ação criadora, uma vez que “criar nada mais é do que deixar que a obra aconteça, que ela siga seu rumo. O grande artista, o criador da vida, sabe seguir o fluxo, sabe deixar-se conduzir pelo mundo” (HADDOCK-LOBO, 2010, p.12).

O CORPO E O MOVIMENTO DA RAZÃO: O MUNDO PENSADO, EXTERIORIZADO

A forma instrumental, calculante e técnica com a qual estamos vinculados atualmente, cumpre com o seu papel de fornecer uma possibilidade de compreensão do mundo. Essa forma científica de ver o mundo foi se expandindo rapidamente para todos os setores da vida humana e hoje é elencado como o conhecimento absolutizado, e endeusado como o único verdadeiro e seguro. Esse saber tem seu prestígio, mas diante da sua ambição penetrou nas outras esferas do saber, exigindo, de certa forma, que todos eles tenham a sua sustentação, baseada na metodologia da quantificação e da objetividade, o que se torna inviável para o saber sensível.

Esse controle excessivo que nos é dado – ou podemos dizer, imposto – pelo processo de modernização, leva-nos a pensar em um mundo formatado, pensado e projetado para que não se precise sentir, nem descobrir, nem imaginar, e muito menos criar e sonhar. Tudo isso já foi feito e nos é entregue pronto, como um produto de mercado. Por intermédio do conhecimento científico, chegamos a tal patamar de conhecimento que ele, por si só, tem a forma exata de como temos que viver. O ser humano, como fonte de sentido e de significado,



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

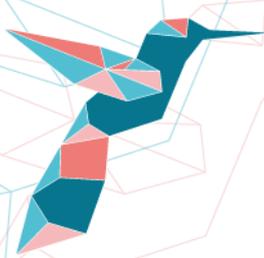
fica fora desse processo e é absolvido do direito de conduzir sua vida. Basta, então, respeitar uma ordem universal, que possui resposta pra todas as perguntas. Assim, gradativamente, nossos sentidos, como não são mais necessários e nem aceitos neste mundo programado e padronizado, vão ficando na escuridão do esquecimento, ou seja, são anestesiados.

O pensamento ocidental nega os sentidos como fonte de apreensão do mundo. Cria, então, o conceito de verdade, fundado na razão como paradigma do conhecimento. O conhecer tornou-se, dessa maneira, o direcionamento para o que é verdadeiro, que busca julgar a vida e não interpretá-la. Para julgar a vida, são necessários artifícios e procedimentos de causa e efeito, que devem levar a resultados e determinações previsíveis. Interpretar a vida leva em consideração o ser humano e as suas diferenças: ser que possui uma história e que é imprevisível. Assim, ele é capaz de produzir novas interpretações e se ajustar de diferentes maneiras a inúmeras situações.

O corpo/corporeidade e o movimento humano (no quadro da ciência positiva) privilegia (como temos vindo a referir) o previsível, a técnica, a ordem externa, baseadas em leis e intenção de desempenho. Essa construção da ciência em modelos quantitativos, traz-nos uma visão parcializada do entendimento do movimento humano.

Considerando estas constatações e convocando agora a escola e a educação física vamos verificar que estas são tradicionalmente estruturadas em função do olhar, cognitivo-intelectual, afetivo-emocional e motor. No entanto, o mundo cognitivo-intelectual é o mais trabalhado, pois corresponde ao mundo da razão e da ciência. A escola é um “locus” de legitimação da ciência e da razão - o padrão. As questões relativas ao afeto, à emoção, ao lúdico, ao prazer, ao corpo que sente, vive e se manifesta não se verificam, ou, se se verificam, estão reduzidos a um *minimus*. Corpos instrumentalizados, conectados ao alcance de um padrão, não permitem que crianças e jovens vivênciem situações de atitudes, de expressão do movimento em ação, faltam oportunidades para o espaço e o tempo da criação, que diálogo com o campo da interioridade.

O CORPO E O MOVIMENTO DA FENOMENOLOGIA: O MUNDO VIVIDO,
INTERIORIZADO



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Santin (1992) questiona essa visão moderna do movimento humano que elogia o sujeito/objeto, a matemática, as fórmulas, perguntando como se pode pesquisar a vida ou a fenomenologia do vivo? Como decifrar sua mensagem? Como decifrar a linguagem da corporeidade?

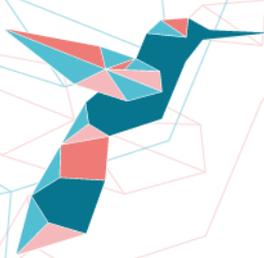
Neste contexto, enfatiza e defende o conhecimento feito diretamente, sem leis, medições, no qual brincar, jogar e se-movimentar são expressões de liberdade, criatividade, imaginação, originalidade, estética e arte. O mundo vivido pela expressão fenomenológica. Conforme Kunz (1994), o movimento humano constitui-se como diálogo do ser com o mundo expresso na intencionalidade e na totalidade. Descrever a essência através da redução fenomenológica é enfatizá-la como doadora de significados materializados e espiritualizados na intenção, essência, subjetividade, intersubjetividade, experiência, situação vivida.

Este fato (como temos vindo a referir) é contrário ao movimento visto do ponto de vista científico (técnico), das regras, normas, padrões, em que a experiência vivida, sensível, lúdica, e de jogo, parece ter uma importância dispensável. Esta é uma forte crítica à ciência positiva que oferece como base de investigação a análise empírico-analítica e que tende a reduzir a realidade à quantificação - corpo que se desloca no tempo e no espaço, visto, analisado, compreendido pelo número e pela fórmula.

Merleau-Ponty (2006) quando faz uma crítica à ciência, traz o mundo da vida, a experiência, como solo de todo conhecimento, é o espaço das nossas relações e tomadas de decisões mais significativas pelo sentir e perceber o mundo no estágio originário. O autor faz então, o elogio a intuição e a sensibilidade ao retornar, reencontrar, restituir a experiência pré-reflexiva.

É neste contexto que emerge a defesa do brincar, do jogo e do se-movimentar (mundo da vida), onde se encontra a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, a autenticidade, a subjetividade, a intencionalidade, o sentir, a estética primeira. Momentos que estão além da representação da ideia de movimento, porque permanecem potencializados pela capacidade sensível.

O mundo da ciência tende a regular o mundo da vida. O mundo da vida é o mundo das imperfeições manifestado em ações, emoções, afetos... O mundo da ciência é o mundo das "perfeições". A ciência não aprecia as imperfeições, por isso necessita sobrevoar a experiência vivida.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

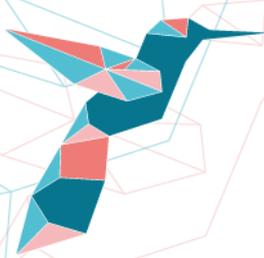
É neste mundo da vida que melhor experienciamos a felicidade, a alegria, o brincar, o tempo e o espaço. Ainda neste olhar, Merleau-Ponty (1999) fala do retorno ao sensível, contrariando a visão filosófica que sempre duvidou dos sentidos, identificando-os como fonte de erros e de ilusão. Este retorno ao sensível é a forma primeira de existir no mundo, e é aí que encontramos a percepção corporal, a sensibilidade e a intuição, que ocorrem antes da reflexão. O autor quer dizer que o corpo tem um poder intrínseco na existência humana. O corpo, como algo existente no mundo, possui a força de viver este mundo. Por isso, somos seres que vivemos corporalmente, numa relação de infinita integração com o mundo e com as coisas que o habitam. Para que possamos entender o mundo e as coisas, devemos experimentá-lo corporalmente de várias formas e com inúmeras possibilidades. Assim, devemos entendê-lo como ilimitado e não apenas como uma máquina padronizada e limitada a executar movimentos mecânicos provindos de comandos externos. Para isso, nossa sensibilidade deve ser aguçada – e não silenciada –, pois as possibilidades proporcionadas no mundo vivido são fundamentais e devem, ou deveriam perpassar nossas experiências na Educação Física.

A EXCELÊNCIA PELA EXPERIÊNCIA DO CORPO

O indivíduo percebe (intuição) antes de pensar. Neste mesmo plano a criança faz aparecer um mundo anterior ao pensado no seu modo de ser. A criança questiona tudo o que percebe à sua volta, para depois adquirir consciência do mundo. Assim podemos perceber a procura de consciencialização. O mundo vivido é inesgotável para a nossa consciência. Cada órgão do sentido (corpo) interroga o objeto à sua maneira – maneiras autênticas. Podemos colocar a questão: como podemos perceber o mundo vivido tal como ele nos aparece? A resposta parece simples: pela experiência do corpo – pela corporeidade.

O Sentir, o pensar, a subjetividade, a intersubjetividade, a comunicação, a linguagem, estão ali no mundo vivido. Cada ser tem seu mundo vivido (o já dado anterior) e deste mundo todos têm o que dizer. O mundo da ciência pelo contrário, tende a dizer por todos.

Neste contexto Merleau-Ponty (1999), refere que toda a experiência neste mundo vivido é corporal. O autor recupera o corpo esquecido pela filosofia clássica e coloca nele o fundamento de todo o conhecimento. Corpo não apenas mecânico, biológico, mas corpo animado por relações imaginárias com o mundo. O corpo é a origem e é a natureza de toda a



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

cultura – é a própria cultura, por fornecer ao homem a oportunidade de viver, de criar e desvendar o mundo. Ele (corpo) não é algo passível como pensamos, mas sim, é o que nos possibilita que nos coloquemos em contato com os outros e com o mundo – percepção e conhecimento do mundo pelo corpo.

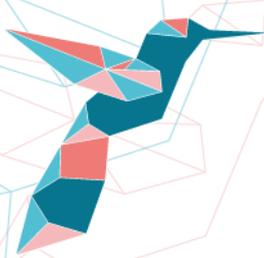
O mesmo autor, desenvolve também a ideia de “campo fenomenal” pela experiência direta do corpo no mundo vivido, aquém dos conceitos – eu, o outro e as coisas. A relação inseparável homem/mundo faz-se pelo corpo que mostra a consciência das relações com o mundo. É no campo fenomenal que se pode ascender à transcendência materializada/espiritualizada na contemplação do mundo, pelo “corpo próprio”, pelo “corpo experiência”.

O ser se abre com o corpo, o mundo se abre com o espaço e com o tempo, que faz o corpo do mundo. É neste sentido rico que podemos encontrar o conceito (genuíno) de liberdade. O conceito de liberdade sublinha o pôr-se em situação. A alma faz-se corpo. O espírito que se encarna e revela na ordem de um milagre: meu corpo, este velho conhecido e ao mesmo tempo estranho conhecido, tornou-se meu amigo!

Na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1999) é pelo corpo que se dá a relação homem-mundo - “eu vivo no mundo”. O corpo como maior tributo à existência. É na relação corpo que sente, pensa, cria, faz realidade e transforma o mundo que faz nascer a consciência. O corpo tem o poder intrínseco de dar existência humana, expressa na sensibilidade, nas emoções, nos sentimentos, no subjetivo que vão traduzir a intencionalidade que se encontra na interioridade. Este fato é diferente a uma exterioridade onde o corpo se apresenta como mecânico, objetivo, homogêneo.

A criança está (vive), assim, entre uma interioridade e uma exterioridade. No entanto a escola/educação (física) parece só dar, estimular, propor exterioridades. O próprio brincar que é a excelência em que se mostra a intencionalidade é agora substituído com ordens vindas de fora – exterioridade, baseadas em teorias mecanicistas, idealistas, maturacionistas, onde tudo tem um tempo e um espaço de acontecimento (fases, etapas, progressões, erros a evitar, componentes críticos a concretizar – coisas da ciência) esquecendo-se os intervalos subjetivos e intersubjetivos, a percepção do mundo vivido, as relações sujeito-objeto - que são um mesmo, sem esquecer a dimensão ecológica – a história, a cultura, a identidade.

O movimento humano é o homem todo que age e se movimenta com uma intencionalidade. As crianças são autores e atores da sua ação pela invenção, imaginação,



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

criatividade, significação, intuição, fruição, símbolo, experiência, pré-reflexão. É aqui que se encontra o segredo de estimular e educar pessoas críticas e emancipadoras (KUNZ, 1988).

Depois, depois sim, a dimensão ideológica, política e científica “poderão” entrar em cena e com ele a visão do movimento como coordenação motora, atitudes mecânicas, deslocamentos físicos, articulações motoras, ângulos biomecânicos, processos fisiológicos, energéticos...

Não devemos esquecer de que é pela passagem por aquele primeiro tempo e espaço que mais tarde se irão estruturar de forma mais significativa e crítica, os gestos técnicos e táticos, a compreensão competitiva expressa no esforço, no trabalho, na afirmação, na superação.

O MUNDO VIVIDO COMO ESTÉTICA PRIMEIRA – A IDEIA DE ESTÉTICA

É no sentido fenomenológico que podemos perceber melhor a ideia de arte e de estética, dois conceitos que tanta falta fazem neste momento de crise do homem e da cultura – tempos de inautenticidade, de falta de valores axiológicos e estéticos que nos aprisionam.

Deste fato a educação (física) tem em si, traz em si, uma educação estética correspondendo a um ato carregado de características iniciáticas. É o modo de sentir/pensar da sensibilidade que mostra a interioridade do homem (sentimentos, emoção, coração, poesia), mostra a imaginação e a liberdade criadora – sentidos e significados na relação homem-mundo. A educação (física) não pode esquecer este eixo fundador - o da interioridade. Nenhuma formação puramente intelectual pode alcançar a totalidade que é o ser humano.

A percepção estética é a mais clara vivência do caminho fenomenológico. O real constitui-se assim como percepção, sensível (primeiro real). Este fato contraria a ideia de estética derivada do intelecto quando a razão, a ciência domina o objeto procurando reduzi-lo a determinações conceptuais (DRUFRENNE, 2002). Neste sentido, segundo Duarte Júnior (1988, p.102), “perante a arte o homem explora aquela região anterior ao pensamento, onde se dá o seu primeiro contato com o mundo”. Para completar esta reflexão, Merleau-Ponty (1999) salienta que a redução fenomenológica e a arte, ambas procuram um sentido primeiro para o mundo, procuram chegar à essência do fenômeno, antes dele ser pensado.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

No mundo atual, a escola importou para o seu seio os dizeres e os fazeres do econômico, do mercado, da previsão, do controle, da eficácia, relegando para segundo plano a sensibilidade, a emoção, o afeto, o amor que afinal se constituem como a interioridade que dá (deveria dar) o verdadeiro sentido à educação e ao homem.

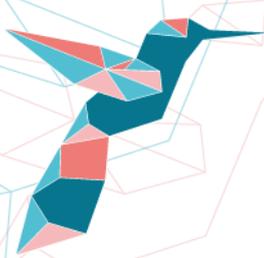
Neste sentido Mo Sung (2000), refere que a educação significa realmente salvar vidas, pelo amor, pela sensibilidade, pela essência e alegria. A educação do gosto, a percepção estética, a consciência estética leva à percepção do mundo que se constitui como o primeiro momento do conhecimento. A experiência da beleza tem que vir antes do ensino. Antes de aprender música, devemos ouvir, contemplar, sentir a música. “Educar significa, pois, permitir que o educando conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p.60). A criança deve ser feliz na escola, por isso devem deixá-la brincar, desenhar, cantar, pintar, esculpir, dançar, se-movimentar pela sensibilidade, pelo afeto e pelas emoções. É neste quadro que emerge a imaginação, fenômeno tão importante para sentir, perceber e transformar a vida e o mundo.

Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que aparece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça do homem a quem falta imaginação: ele é cortado da realidade profunda da vida e da sua própria alma (ELIADE, 1991, p.16).

O movimento iniciático, que Kunz (1991, 1994) enfatiza como sendo o se-movimentar, faz parte (mostra) a ideia de obra de arte. Analisando as várias dimensões da arte, Bosi (2009), refere que a obra de arte para o *ser* se constitui em três aspectos básicos e determinantes:

1 - O fazer/construção. É a criação de coisas que existem na natureza, na cultura e no ser – no próprio homem. Esta criação é da ordem da interioridade que mostra a beleza, a perfeição, a harmonia, manifestada pela paixão, pelo amor, pela expressão, pela intuição, pelo sentimento, *pelo fluxo*. Este fato irá dizer de cada um – técnica, estilo pessoal. Este fazer/construir está antes do fazer/construir ditado pela razão, pela técnica do molde, da norma.

2 - Conhecer/conhecimento. A arte é conhecimento na medida em que é mimésis – possibilidade de construção de um novo mundo com esse novo conhecimento. Ver, pensar, sentir, para lá da racionalidade. O mundo se encontra fora da ciência, do modelo, da razão e



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

dentro do artista pela intencionalidade, como forma de conhecer, de conhecimento, que pode trazer o novo.

3 – *Experiência/expressão*. Traz o exemplo da dança e do gesto corporal. Salienta que o corpo que baila busca incessantemente sair de si em busca do outro. O mundo interno e externo tocam-se na essência, no simbólico, no alegórico. *O eu - o outro*, unem-se antes de mais nada pelas forças internas, num relacionamento e criação autêntica.

Construir-conhecer-experiência pretende ilustrar a consciência artística que está para lá (cá) da cópia e do modelo. Não existe criação sem vida interior. A arte mostra o mundo pelo sentimento, emoção, interioridade, imaginação, intuição, sentimento. A arte mostra a essência da realidade, a intencionalidade da realidade que pela experiência, alegoria, símbolo tem a capacidade de mostrar o original. Este novo constitui-se como uma primeira metáfora, diferente da metáfora gasta da lógica produtiva, com valor de mercado. “A arte faz ver a visão, falar a linguagem, ouvir a audição, sentir o corpo, faz emergir o natural da natureza, o cultural da cultura” (CHAUI, 1994, p.325).

É na dimensão do sensível, da vida, que nossas possibilidades de se-movimentar se tornam significativas e belas, se atualizando na recriação dos sentidos. Nossas experiências originais são fundamentais para que nossa compreensão de mundo seja significativa. Temos que agir e participar ativamente na relação com este mundo. Essa relação se dá muitas vezes pelo movimento, e esse, fazendo uma aproximação com experiência estética, deve privilegiar o sentir, a invenção, a individualidade e a diferença. Seres diferentes, resultam em compreensões plurais do mundo. A pluralidade dá origem a criação de diferentes formas de movimento, que alia a subjetividade e a intersubjetividade.

Ressalta-se, que a intervenção da subjetividade nesse processo é indispensável, pois, no dizer de Kunz (1994), fazendo uma relação com a educação, desenvolver pessoas críticas e emancipadas é abrir uma gama de possibilidades individuais e subjetivas de cada aluno para com o mundo. O mundo e as coisas que o habitam não existem definidas “em si”, mas são constituídas de possibilidades infinitas de agir, perceber, sentir, e outras. As vivências subjetivas do movimento humano são fundamentais para as crianças possam dialogar com as culturas de movimento, dentro de um processo pedagógico que escape dos parâmetros e dos modelos. As experiências individuais proporcionam a naturalidade e a originalidade desse



movimento, o que os tornam significantes para que a criança tome consciência do seu movimento próprio, que traduz a sua forma autêntica de desvendar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências subjetivas e intersubjetivas do movimento humano são fundamentais para as pessoas. Vivências baseadas no ser/subjetividade que mostram o agir, o perceber, o sentir e não apenas modelos de mundo. Existem dois campos investigativos em relação ao movimento humano, que de alguma forma todos nós já conhecemos.

1 – O campo que tem por base as ciências naturais. O movimento concebido por uma direção externa - deslocamento do corpo físico no espaço e no tempo: biomecânico, articular, biológico, fisiológico, execução do movimento, quantificável. “A aprendizagem do movimento não é do aluno, mas é feita em função daquilo que o professor sugere. Os estudantes são concebidos como objetos nos quais deve ser implementado uma forma de entender o movimento” (HILDEBRANDT-STRAUMANN, 2003, p.101).

2 – Reflexão fenomenológica do movimento. Vem defender a inseparabilidade entre sujeito e movimento - *peçoas que se movimentam*. Nós não podemos observar o salto, mas sim homens saltando - sujeito que se movimenta num mundo (situação, contexto) com o qual esse movimento está relacionado. Portanto, Kunz (1994) salienta que o movimento humano não deve estar separado da pessoa que o realiza e tampouco da situação/contexto em que ele ocorre, pois homem-mundo são inseparáveis e estão em relação permanente.

Trebels (1992) vem a este propósito falar da teoria do movimento humano como movimento próprio do sujeito que se move: sujeito, situação/contexto, significado, consciência e sensibilidade. Unidade primordial constituído pelo homem no mundo vivido. O Se - movimentar do homem é ao lado do falar, pensar, uma das muitas formas em que a unidade indivisível do homem e do mundo se manifesta. Não há, portanto separação homem/mundo; sujeito/objeto; corpo/mente, mas sim um diálogo, ou ainda, uma intencionalidade original, pura, inicial, que possibilita um estar-no- mundo.

O incentivo ao desenvolvimento da sensibilidade na educação física escolar, pode ser possibilitado por um ensino mais problematizador, que ofereça situações nas quais os alunos sejam instigados a serem eles próprios. Dentro dessa possibilidade, a cultura de movimento pode ser explorada em diálogo com o mundo vivido dos alunos, priorizando a construção e a criação de novas formas de expressão que estimulem a criatividade e o prazer. Cada



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

movimento é único e particular, e deve ser valorizado por todos. O professor, neste sentido, pode mais perguntar do que oferecer respostas prontas. A multiplicidade de ideias e de respostas favorece um ambiente dialógico. Esta troca dialética de informações entre os alunos, para resolver um determinado problema, mostra que o aluno está no centro do processo da aprendizagem, e com isso se acha importante. Desta forma, ele se torna cada vez mais capaz de tomar suas próprias decisões, tanto na sala de aula como fora dela. Cada gesto intencionado para o mundo tem sua particularidade, que é original de cada sujeito, que se expressa da sua maneira.

Between the experienced world and world thought: the phenomenology, human
movement and physical education

ABSTRACT

We aim to show two ways to view the human movement and the body: the world of externality materialized in science - representative of the thought world; and the world of interior materialized experience - representative of the lived world. Far will be written in this praise to the phenomenological dynamics of the lived world, their ways and significant possibilities

KEYWORDS: human movement; phenomenology; education

Entre el mundo y experiencia el mundo con pensamiento: la fenomenología, movimiento
humano y educación física

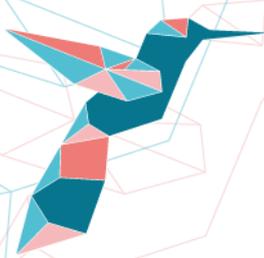
RESUMEN

Nuestro objetivo es mostrar dos formas de ver el movimiento humano y el cuerpo: el mundo de la externalidad se materializó en la ciencia - representante del mundo del pensamiento; y el mundo del interior materializó experiencia - representante del mundo vivido. Lejos se escribirá en esta alabanza a la dinámica fenomenológicas del mundo vivido, sus maneras y posibilidades significativas

PALABRAS CLAVE: movimiento humano; fenomenología; educación

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. *Reflexões sobre a Arte*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- CHAUI, M. *Convite á Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1988.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

- DRUFRENNE, M. *Estética e Filosofia*. 3.ed. São Paulo: Perspetiva, 2002.
- ELIADE, M. *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HADDOCK-LOBO, R. Os filósofos e a arte, uma travessia. In: HADDOCK-LOBO, R. (Org.). *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 07-13.
- HILDEBRANDT - STRAUMANN, R. *Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- HUSSERL, E. *A Ideia de Fenomenologia. Textos Filosóficos*. São Paulo: Edições 70, 1986.
- KUNZ, E. Movimentização. In: I Congresso de Educação Física da APEF. *Anais do I Congresso de Educação Física da APEF*. Florianópolis, 1988, v. 1 p. 87-98.
- _____. *Educação Física: Ensino & Mudanças*. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 1991.
- _____. *Transformação didático – pedagógico do esporte*. Ijuí RS: 3ª edição. Editora UNIJUI, 1994.
- MARCELINO, N. C. *Pedagogia de Animação*. São Paulo: Editora Papirus, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Psicologia e Pedagogia da Criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Pensadores, 1977.
- SANTIN, S. *Educação Física: Uma abordagem Filosófica da Corporeidade*. Ijuí:Unijuí, 1992.
- SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- TREBELS, A. Plaidoyer para um Diálogo entre Teorias do Movimento Humano e Teorias do movimento do Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí, v.3, n.13, p.338-344, out, 1992.